



IMPACTOS DO ABANDONO PATERNO INFANTIL NO ÂMBITO AMOROSO: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

Raelly Beatriz Gomes Benetti¹; Jaqueline Feltrin Inada²

¹Acadêmica do Curso de Psicologia, UNICESUMAR, Maringá-PR. Programa de Iniciação Científica da Unicesumar (PIC).

²Orientadora, Profa. Dra. do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, UNICESUMAR, Maringá-PR.

RESUMO: A presente pesquisa tomou como objetivo investigar de que maneiras o abandono paterno na infância repercute nos relacionamentos amorosos da mulher na vida adulta. Para a compreensão desse fenômeno foi realizado levantamento bibliográfico acerca do papel do pai no desenvolvimento infantil segundo a psicanálise de Freud e Winnicott, bem como as definições de trauma para esses autores, a fim de reconhecer a deserção como evento traumático para a criança, a qual produz consequências em suas relações através da transferência, termo também revisado neste estudo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas de livre estruturação com duas mulheres adultas, as quais sofreram abandono paterno na infância, e os discursos foram analisados segundo o método psicanalítico. Com isso, verificou-se a relação entre o sentimento de rejeição ocasionado pelo abandono e processos inconscientes que se fazem presentes nos relacionamentos amorosos.

PALAVRAS-CHAVE: Deserção; Freud; Transferência; Trauma; Winnicott.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de família passou por diferentes transformações no decorrer da história. O modelo atual data da metade do século XX, surgindo junto às mudanças sociais que impactaram diretamente na organização familiar da época. Na década de 1960, nasceu o tipo de família chamada de pós-moderna, na qual o casamento é um contrato entre duas pessoas que se amam e dura apenas enquanto esse amor durar, sendo então uniões temporárias. Nesse cenário, com a revolução feminista, a mulher teve acesso ao mercado de trabalho, o que fez com que a constituição familiar precisasse se adaptar, devendo haver uma maior igualdade na divisão de tarefas domésticas e parentais, sendo que, até então, nas famílias modernas, as funções femininas e masculinas eram bem divididas, seguindo uma ordem patriarcal, na qual a mulher era responsável pelos cuidados domésticos e criação dos filhos e o homem, pelo sustento da família (ROUDINESCO, 2003; CÚNICO e ARPINI, 2013).

Na década de 1980, houve avanços legislativos no que tange ao divórcio, iniciando uma série de mudanças que visaram assegurar e simplificar esse processo. Com isso, viu-se um aumento nos índices de divórcio e novas formas de família, tal como a monoparental. Os dados do IBGE (2016) apontam que nesse ano ocorreram 344.526 divórcios no país, sendo que em quase metade dos casos o casal possuía filhos menores de idade e, em 74,4% dessas situações, a guarda da criança foi unilateral materna.

Ao mesmo tempo em que a possibilidade de divórcio e constituição de novas configurações familiares se mostraram positivas no que diz respeito à liberdade sexual e afetiva, por outro, viabilizaram o aparecimento de situações de negligências, sendo uma delas o abandono do filho por parte de um dos genitores (Til, 2011). Verificou-se que a figura masculina segue agindo segundo o modelo patriarcal, desresponsabilizando-se dos cuidados com os filhos quando rompem a relação com a mãe da criança.

Tendo em vista o aumento do número de homens que abandonam seus filhos e os deixam sob os cuidados maternos sem prestar auxílio financeiro, educacional e emocional, esta pesquisa buscou explicitar a importância do pai no amadurecimento infantil à luz da psicanálise freudiana e winnicottiana, a fim de elucidar a importância dessa figura e demonstrar que a paternidade, bem como a maternidade, quando negligenciadas, causam consequências à saúde mental do sujeito. Definiu-se como objetivo compreender



a repercussão da rejeição paterna nas uniões amorosas de mulheres adultas, vitimadas por seus pais até o quinto ano de vida.

2 O ABANDONO PATERNO COMO EXPERIÊNCIA TRAUMÁTICA

Antes de abordar o abandono paterno, vale relembrar a função do pai no desenvolvimento infantil à luz da psicanálise. De modo geral, para Freud (1920), o período no qual o pai exerce sua maior importância na vida do filho é na fase fálica, mais especificamente no período do complexo de Édipo, ocorrendo entre o terceiro e quinto anos de vida. O homem tem a função de realizar a imposição da lei, favorecendo que haja a formação, por parte da criança, do senso de moralidade (NAFFAH NETO, 1997; ROUDINESCO E PLON, 1998).

Já Winnicott (1945) afirma que o pai tem diferentes funções ao longo da vida do filho. Nos primeiros meses, quando o bebê se encontra na fase da dependência absoluta, o pai deve oferecer um ambiente real e de qualidade onde a criança possa se desenvolver. Na fase de dependência relativa, o pai deve auxiliar a mãe no processo de rompimento do vínculo simbiótico, o que está diretamente relacionado com o quanto esse homem fará parte da vida do filho, uma vez que este só perceberá o pai quando puder distinguir-se da mãe. A qualidade da função paterna será de grande valia para o início do senso de independência da criança (WINNICOTT, 1958; 1965; ROSA, 2014).

Na fase do concernimento a criança consegue identificar o pai e a mãe como pessoas inteiras, as quais frustram e também acalentam. O filho direciona aos pais seus sentimentos e impulsos de agressividade, os quais costumam ser seguidos por um sentimento de culpa e atos de reparação. A presença do pai favorece que a criança experimente seus instintos sem ser empobrecida pelo medo, e este processo ajuda o indivíduo a conhecer-se, controlar-se, integrar sua destrutividade e desenvolver um senso de responsabilidade e moralidade. Além disso, a criança cria bases para o sentimento de ambivalência, importantes para o processo que se segue (WINNICOTT; 1949; ROSA, 2014; NAFFAH NETO, 2012).

Rosa (2014) afirma que no período das relações triangulares a criança conhece as riquezas e dificuldades das relações humanas, preparando-se para relacionamentos mais complexos. Nela, o pai deve ser um homem real e presente, deve conhecer seu filho, ter uma presença amistosa e assídua, para então conquistar o direito a ter firmeza sobre a criança, só então podendo introduzir códigos sociais e morais.

Visto que o pai exerce um importante papel no desenvolvimento de seus filhos, torna-se necessário salientar que o distanciamento dessa figura é prejudicial à saúde física e mental do sujeito. Vale ressaltar que a ausência física não é o mais penoso para os filhos, mas sim o fato desta figura tê-los abandonado, o que gera sentimentos de menos valia, insegurança e baixa autoestima, oriundos de uma sensação de rejeição por quem deveria oferecer amor e cuidado (SGANZERLA E LEVANDOWSKI, 2010; LIMA, 2012).

A fim de reconhecer o abandono paterno como evento traumático serão mencionadas, brevemente, as concepções de trauma segundo a psicanálise freudiana e winnicottiana. Para Freud, trauma possui um sentido econômico, isso é, decorre de uma vivência experienciada com muita intensidade, de forma que o sujeito não pode elaborá-la, repercutindo em seu funcionamento psíquico. Fulgêncio (2004) aborda a concepção winnicottiana, segundo a qual o trauma ocorre sempre nas relações com o meio. Tendo estudado detalhadamente as fases do amadurecimento, Winnicott reconheceu tipos diferentes de trauma para cada uma delas. No período de dependência absoluta e relativa, a maior experiência traumática que pode ser vivenciada é em relação ao ambiente, quando ele, respectivamente, deixa de prover todas as necessidades e quando ele atende todas as necessidades, não frustrando o bebê e assim, não proporcionando a esse um contato com a realidade.

Já nas fases do concernimento e das relações triangulares, quando a criança pode reconhecer pessoas inteiras, a maior experiência traumática ocorre como uma ferida em suas relações interpessoais. O trauma decorre, de modo geral, de uma falha repentina, a qual rompe com a confiabilidade existente



até então. Se isto acontece na segunda fase mencionada, pode causar também um ressentimento com o mundo (Dias, 2006).

O abandono paterno, como visto, pode ser caracterizado como trauma, uma vez que é um evento de forte impacto à vida psíquica do sujeito que o vivencia, especialmente na tenra idade, quando não existem condições emocionais de lidar com tal experiência. A tese defendida por Winnicott também corrobora para a compreensão do abandono como experiência traumática, uma vez que esta vivência causa insegurança e dificuldade de vinculação em outras relações, em especial nas amorosas (SGANZERLA E LEVANDOWSKI, 2010; LIMA, 2012).

2.1 REPERCUSSÃO DO ABANDONO PATERNO NA ESFERA AMOROSA

Freud (1905; 1912) afirma que cada indivíduo se relaciona com o outro de uma forma particular, a qual é construída a partir do aparato orgânico e das experiências infantis, em especial, aquelas com as figuras parentais. Por isso, entende-se que os indivíduos procuram pessoas que se assemelham às imagens materna, paterna ou fraterna com as quais se relacionou na infância e, via de regra, os relacionamentos amorosos repetem essas relações. Nisso, destaca-se o fato de que, quando perturbadas, podem gerar complicações na vida sexual adulta.

Junto a isso, as vivências infantis mal elaboradas se repetem por meio da transferência, através de atuações ou *actings*, isto é, elas são reproduzidas nas relações adultas e, vale ressaltar, costumam ser uma tentativa de preencher lacunas afetivas deixadas na tenra idade (FREUD, 1914; 1920; ZIMERMAN, 2004).

Compreendendo o fenômeno da compulsão à repetição (Freud, 1914), pode-se reiterar a tendência de indivíduos relacionarem-se com parceiros, de modo inconsciente, através de uma imagem de seu genitor. Além da ausência paterna no período edípico, no qual a criança deve estabelecer fatores relacionados à sexualidade, lealdade e confiabilidade (Rosa, 2014), abordamos aqui um episódio traumático, a saber, a deserção. Deste modo, propôs-se investigar de que modo essa vivência repercute nos vínculos amorosos de mulheres adultas.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização desta pesquisa foram feitos levantamentos bibliográficos acerca da paternidade nas concepções psicanalíticas de Freud e Winnicott, bem como suas compreensões sobre trauma, a fim de caracterizar o abandono paterno como tal. Depois disso, verificou-se a forma como se dão a escolha e estabelecimento das relações com os objetos libidinais na vida adulta, como forma de respaldar a afirmativa de que a deserção acarreta impactos neste âmbito da vida. Interessado em verificar esta hipótese, este estudo realizou dois estudos de caso através de entrevistas de livre estruturação com duas mulheres adultas, as quais sofreram abandono paterno na infância. Os discursos foram analisados à luz da psicanálise, buscando identificar um nexo entre o enjeitamento do pai e as uniões afetivas ao longo da vida.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa verificou que, ainda que existam diferenças significativas na forma como o abandono paterno repercute na vida amorosa das mulheres, este impacto, de fato, ocorre. Foi visto que existe, em ambas, um constante envolvimento com outras pessoas e, aqui, menciona-se esse termo para sinalizar que não se trata de uma relação, propriamente dita, com investimento e dedicação, mas uniões não oficializadas. Isso nos leva a pensar que o abandono e a ausência paterna podem ter deixado uma lacuna simbólica, a qual as mulheres tentam preencher com estas figuras masculinas com quem se relacionam



esporadicamente. É importante ressaltar que estas relações ocorrem de formas diferentes em cada uma delas. Ao passo em que uma toma seu lugar de vítima de um abandono e busca estar em uma ligação consistente com outro homem, ainda que não oficialize estas relações e as interrompam quando se demonstram demasiadamente profundas, a outra toma como identificação a figura do próprio pai, tendo as relações ainda mais fugazes e sentindo-se, aparentemente, satisfeita em estar só.

Observou-se que as entrevistadas, em geral, são as responsáveis pelas interrupções dos relacionamentos amorosos que estabelecem, o que pôde ser relacionado a um medo de reviver uma situação de abandono, de modo que elas se antecipam e o provocam. Assim, percebeu-se que existe um movimento de troca da figura passiva, a qual sofreu um abandono, para uma figura ativa, a qual abandona tanto seus parceiros quanto o pai.

5 CONCLUSÃO

Com esta pesquisa foi reiterada a importância do pai para o desenvolvimento de habilidades importantes ao longo do desenvolvimento infantil, bem como se reconheceu o abandono paterno como experiência traumática à luz das discussões psicanalíticas de Freud e Winnicott. Também se pôde verificar os impactos do abandono paterno nas relações amorosas de mulheres adultas. De forma geral, há uma inclinação para a reedição do trauma do abandono paterno, de modo que os rompimentos são sentidos com profunda dor. Entretanto, observou-se também uma mudança de posições, onde a mulher vitimada passa a ser aquela quem provoca o abandono.

Com isso, essa pesquisa pôde propiciar um maior conhecimento acerca deste fenômeno recorrente da atualidade, bem como sobre as formas pelas quais os seus impactos são manifestos nos relacionamentos amorosos de mulheres adultas. Com esta compreensão pode-se destacar a importância da presença da figura paterna para a criança e adolescente, não só para auxiliar no desenvolvimento de habilidades, mas especialmente para não ocasionar a sensação de rejeição e desinteresse, podendo provocar baixa autoestima e sentimento de menos valia. Além disso, pode ser utilizada para expandir o conhecimento acerca da paternidade e do abandono paterno, também para conscientizar os pais que estão em processo de divórcio e divisão da guarda, da importância em estarem presentes na vida dos filhos. Esta pesquisa utilizou como recorte o âmbito amoroso, porém verificou-se que os impactos ultrapassam este setor, ficando como sugestão uma investigação sobre consequências em outras áreas da vida.

REFERÊNCIAS

CÚNICO, S. D., ARPINI, D. M. **A Família em Mudanças: Desafios para a Paternidade Contemporânea.** Revista Pensando Famílias, Vol. 17, núm. 1, p. 28-40. 2013.

DIAS, E. O. **O caráter temporal e os sentidos de trauma em Winnicott.** Revista Winnicott e-prints, Vol. 1, núm 2006.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905).** Obras Completas Volume 06. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 2016.

FREUD, S. **A dinâmica da transferência (1912).** Obras Completas Volume 10. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 2010.

FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar (1914).** Obras Completas Volume 10. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 2010.



FREUD, S. **Além do Princípio do Prazer (1920)**. Obras Completas Volume 14. São Paulo. Editora Companhia das Letras. 2010.

IBGE. **Estatísticas do Registro Civil 2016**. Banco de dados disponível em:
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2016_v43_informativo.pdf

LIMA, A. P. P. **Mulheres e o abandono da figura paterna**: considerações teórico-clínicas a partir da psicologia analítica. Revista Estudos da Psicologia. vol. 29. p.821-820. out-dez/2012.

NAFFAH NETO, A. **Nietzsche e a Psicanálise**. Revista Cadernos Nietzsche, Vol. 2, p. 41-53, 1997.

NAFFAH NETO, A. Amor que também é ódio, ódio que implica amor: notas sobre a ambivalência. In: NAFFAH NETO, A., MANZANO, S. R. V. (Org.). **Paixões tristes**: retratos contemporâneos. 1ed. São Paulo: Editora Via Lettera, v. 1, p. 23-32, 2012.

ROSA C. D. O pai em Winnicott. In: ROSA, C. D. **E o pai?** Uma abordagem winnicottiana. Editora DWW. p. 25-62. 2014.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

SGANZERLA, I. M., LEVANDOWSKI, D. C. **Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente**: análise de literatura. Revista Psicologia em Revista, Belo Horizonte. Vol. 16, núm. 2, p. 295-309. ago/2010.

TIL, N V. A **construção dos papéis sociais de pai e mãe em família**: uma reflexão sobre a temática contemporânea de gênero. 2011. 59 p. Trabalho de Conclusão de curso (Serviço Social). Instituto de Humanidade e Saúde, Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras – RJ. 2011.

WINNICOTT, D. W. E o pai? (1945). In: WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo (1957)**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979.

WINNICOTT, D. W. A moralidade inata do bebê (1949). In: WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo (1957)**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979.

WINNICOTT, D. W. O primeiro ano de vida (1958). In: WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual (1965)**. 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D. W. Família e maturidade emocional (1965). In: WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual (1965)**. 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

ZIMERMAN, D. E. **Manual de técnica psicanalítica**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.